



SEÇÃO: LITERATURA

Uma *bad trip* pelo Brasil, com Richard Francis Burton: lendo *Explorations of the highlands of Brazil* nos tempos da pandemia

A bad trip across Brazil, with Richard Francis Burton: reading Explorations of the highlands of Brazil in pandemic times

Jonas Kunzler Moreira
Dornelles¹

orcid.org/0000-0003-2984-5456
jonas.kunzler@acad.pucrs.br

Recebido em: 5 set. 2021.

Aprovado em: 6 jan. 2022.

Publicado em: 27 fev. 2023.

Resumo: O trabalho procura revisitar a obra *Explorations of the highlands of Brazil*, de Richard Francis Burton, considerando o contexto do ano 2021. Nesse livro o viajante visita diversas regiões, registrando costumes, aspectos econômicos e geográficos, ao longo dos anos de 1865-1868. O itinerário começa pela atenção do autor para com as estruturas de transporte no Brasil. A seguir encontramos dois paralelos contemporâneos: o racismo e a mineração. Considerando sua trágica atualidade, podemos pensar o livro como um registro do apogeu do pensamento colonial, que segue presente de maneiras disfarçadas em certos clichês sobre a brasilidade que se repetem ainda nos dias de hoje. Para concluir, sugerimos que mesmo pelo caminho das descrições da natureza, o livro de Richard Burton pode nos trazer a sensação desesperada que muitos brasileiros sentem dentro do atual contexto de pandemia e retrocesso.

Palavras-chave: pandemia; literatura de viajantes; Richard Francis Burton; viagens aos planaltos do Brasil.

Abstract: This article revisits the book *Explorations of the highlands of Brazil*, by Richard Francis Burton, considering the pandemic context of the year 2021. In this work, set in Imperial times, the traveler visits several regions, recording customs, as well as economic and geographic aspects, in the years between 1865-1868. The itinerary begins with Burton's attention to Brazilian transport, structures. Then, we find two contemporary parallels: racism and mining. The tragic actuality of these topics suggests that we may look at the book as a record of a heyday of colonial thought, which lasts until our days in certain clichês about Brazilian culture (in comparing to the Anglo-Saxon cultures). In conclusion, we suggest the path of descriptions of nature in Richard Burton's, as a way to travel in pandemic times. But even this track would bring us the desperate apprehension that many Brazilians feel, within the current context of pandemic and setback of human and environment rights.

Keywords: pandemics; travel literature; Richard Francis Burton; explorations of the highlands of Brazil.

Introdução

Os anos em que o Brasil vive sob uma pandemia deixarão na memória coletiva a marca de uma experiência própria de desespero, que afligiu de maneira ampla grande parte da população mundial e, de maneira particular, a brasileira. No país, para qualquer lado que se busque olhar, ocorrem tragédias e crises, retrocessos e destruição. Até 2021, a crise sanitária de COVID-19 ultrapassou 600 mil mortos, catástrofe que se



¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

somou ao sucateamento do aparato de pesquisa científica por parte do governo federal.²

Acosados desta maneira, uma saída se apresenta para os(as) pesquisador(as) que produz(em) sob essas condições. Presos(as) em casa, sem a possibilidade de deslocamento, podemos reduzir em formato de artigo a experiência desse tempo histórico. Façamos uma viagem pelo Brasil do passado, para também lá encontrar retrocesso e destruição. Na sugestão de que não podemos viajar por nosso país nem mesmo por via de uma leitura literária, encontramos a forma de performar retoricamente o desespero aprisionado em que se vive nesses anos de pandemia. Façamos isso com o livro *Explorations of the highlands of Brazil*, de Richard Francis Burton (1869, em dois volumes)³, replicando no espaço deste artigo, a experiência de se viver no ano de 2021. Por seu caráter angustiante e aparentemente inescapável, chamemos de viagem ruim nossa *bad trip* pelo Brasil.⁴

Algumas tragédias muito vivas no país poderão ser rastreadas até o século XIX, já que *Explorations of the highlands of Brazil* serve de subsídio para pesquisa histórica em diversos campos. É uma das fontes, por exemplo, quando se deseja reconstituir a história da infraestrutura econômica da época colonial, assim como se quer encontrar descrições de espécimes da flora e da fauna brasileiras. Registra costumes religiosos e matrimoniais, receitas típicas, predileções arquitetônicas e literárias etc. Como documento histórico, pode ser mesmo uma fonte de memórias e testemunhos de vítimas do colonialismo e da escravidão.

Acompanhemos um explorador inglês do Século XIX, que desembarca no Brasil já possuindo

vasta uma experiência de viagens pelo mundo. Tendo já conhecido diversas regiões na África Oriental e Ocidental e na Península Arábica a serviço do Império Britânico, assim como aprendido com a experiência portuguesa de colonização em partes da Índia. Richard Burton, depois de sua incursão pelo Brasil, se tornaria ainda linguista e tradutor, com traduções para o inglês de obras como *Kama Sutra*, *As Mil e Uma Noites* e *Os Lusíadas*, projetos que posteriormente seriam publicados na década de 1880. Poliglota, no período de sua maturidade chegou a ser conhecido por se fazer entender em mais de 20 línguas.

Ocupou, entre os anos de 1865 e 1869, o cargo de cônsul da Grã-Bretanha em Santos (SP), e um de seus objetivos, pode-se dizer, foi propagandar as qualidades da terra brasileira para possíveis especuladores britânicos. Enquanto figura participante da *London Anthropological Society*, possui sua trajetória dentro das discussões racistas que proliferavam naquele círculo.

Considerando que toda sua atuação colonial coadunou com a ideologia imperialista que concebiam os povos colonizados como inferiores do ponto de vista biológico, veremos que em Richard Burton encontramos aspectos da *colonialidade* do pensamento imperialista europeu (QUIJANO, 2005). O viajante inglês foi um dos que elaboraram elementos para o modelo epistemológico que pensa a cultura latino-americana em relação às culturas anglo-saxãs. Tais elaborações racistas de estrangeiros seriam posteriormente reproduzidas e desenvolvidas pela elite cultural brasileira, na forma de teorias que interpretam a colonização do Brasil em comparação hierárquica. Nesse esquema, os norte-americanos são sempre racionais, eficientes, impessoais, enquanto os povos

² "O presidente Jair Bolsonaro sancionou nesta quinta-feira (22) a lei orçamentária de 2021 com veto a R\$ 19,767 bilhões, cancelados definitivamente, e bloqueio adicional de R\$ 9,3 bilhões em despesas discricionárias, que podem ser liberados no decorrer deste ano. Os maiores bloqueios foram nos ministérios da Educação (2,7 bilhões), Economia (R\$ 1,4 bilhão) e Defesa (R\$ 1,3 bilhão). Somando os cancelamentos e bloqueios, o Orçamento perdeu R\$ 29,1 bilhões em comparação com o projeto aprovado pelo Congresso em março". Publicação da própria Agência Câmara de Notícias da Câmara Federal dos Deputados (BRANDÃO, 2021).

³ O título completo do livro é *Explorations of the highlands of Brazil. With a full account of the gold and diamond mines. And canoeing down 1500 miles of the great river São Francisco, from Sabará to the sea* (Explorações dos planaltos do Brasil. Com um relato completo das minas de ouro e diamantes. E da canoagem de descida das 1.500 milhas do grande rio São Francisco, de Sabará até o mar). As expedições de Richard Burton no Brasil ocorrem entre 1865-1868, e no ano seguinte (1869) o livro é publicado, em Londres. Para as notas de rodapé, utilizaremos a tradução de Américo Jacobina Lacombe, com o título *Viagens aos planaltos do Brasil*, nos três volumes publicados pela Companhia Editora Nacional nos anos de 1941 (BURTON, 1941, v. 1) e 1983 (BURTON, 1983a, v. 2; BURTON, 1983b, v. 3). Os negritos de destaque nas citações são apresentados conforme uso do autor ou do tradutor, sem acréscimo ou subtração de nossa parte.

⁴ Utilizaremos o original em inglês ao longo do texto, de maneira a estimular a sensação de estranhamento que a perspectiva de um estrangeiro pode produzir. As traduções em português serão indicadas nas notas de rodapé.

latinos são emotivos, aventureiros, personalistas. O racismo científico à maneira de Richard Burton se transforma em uma forma de "racismo cultural" (SOUZA, 2018), ao manter a mesma perspectiva moralista do liberalismo inglês de viés colonialista.

A obra de Burton irá compartilhar algumas características da literatura de viagem vitoriana.

As suas obras são ao mesmo tempo lista científica, diário de viagem e impressões, livro de apontamentos para a memória - enfim documentos que seguem os padrões explicativos das ciências e da história de seu tempo (PAZ, 1996; LENOBLE, 1990; HUMBOLDT, 2010) e constituem um verdadeiro repositório das viagens, da natureza e da fauna dos séculos que nos precederam (LOSADA; DRUMMOND, 2015, p. 275).

Procurando diversificar as perspectivas com que se pode analisar esse material, podemos começar recuperando em quais condições se encontravam estradas, pontes, rios e ferrovias, em meados do século XIX. Iniciamos nossa viagem pelos meios de transporte, por via dos quais Richard Burton buscava indicar a compressão dos aspectos da vida econômica ou geográfica, apontando os caminhos por onde escoariam mercados regionais, nacionais ou internacionais (CRAVO; GODOY, 2010).

Por essas trilhas, encontraremos alguns lampejos de registros culturais brasileiros, de maneira a nos situarmos no Brasil dos anos 1860. Alguns registros célebres do que consideramos tipicamente brasileiro: a feijoada, o samba, ou a musicalidade de nosso povo. Após essa espécie de turismo pelo país, encontramos o registro do colonialismo, na forma do racismo e do garimpo em terras indígenas. Por fim, seguindo a sugestão de Janaina Zito Losada e José Augusto Drummond, em seu artigo "Espírito cheio de bichos", indicamos a possibilidade de se utilizar o livro como reencontro de vozes esquecidas da

natureza brasileira.

1 Uma viagem cultural

Passamos, então, à descrição de nosso itinerário. No primeiro volume do livro de Burton, temos o percurso do explorador pelas cidades do Rio de Janeiro até Ouro Preto, passando por Petrópolis, Juiz de Fora, Barbacena, Barroso, Lagoa Dourada, Congonhas e Mariana. Já no segundo volume temos o percurso que vai de Sabará até Pirapora, para então descer o rio São Francisco até Paulo Afonso. Nesse trajeto total, conhecemos fazendas, igrejas, estalagens, casas grandes e senzalas, interiores de minas e garimpos, além de descrições da flora e da fauna, costumes e receitas típicas locais.

Enquanto cônsul do Império Britânico, Burton irá demonstrar a preocupação comercial da Inglaterra com o Brasil do século XIX:

The rivers and brooks are not those of a "well-regulated country" like England: they shrink to nothing, they swell into immense torrents, and the cost of bridging and controlling them is no trifle. Popular opinion, by no means thoroughly awake to the importance of highways and byways, is another obstacle; many think that a good road is that which enables you to ride your mule comfortably. Their fathers have done without mending their ways, and straightening their paths – ergo, so can they, et cetera.

These pages, however, will show that in this Empire, about to be so mighty and magnificent, communication signifies civilization, prosperity, progress, everything. It is more important to national welfare even than school or the newspaper, for these will follow where that precedes. And travellers who wish well to the land must ever harp, even to surfeit, upon this one string (BURTON, 1869, v. 1, p. 59).⁵

Burton falará do problema que espera alguém que se aventura para além da cidade do Rio de Janeiro, com estradas irregulares e grandes ladeiras que dificultam o deslocamento a cavalo ou mula. As chuvas sazonais trazem dificuldades para estabilização de estradas feitas sobre ar-

⁵ "Os rios e riachos não são regulares como os da Inglaterra. Minguam até se reduzir a nada ou crescem até se tornarem imensas torrentes, e o custo da construção de pontes ou de obras para o controle deles não é pequeno. A opinião pública que está longe de compreender a importância das estradas públicas e das vias de ligação, é também outro obstáculo. Muitos pensam que uma boa estrada é a que permite andar a cavalo com conforto. Seus pais passaram muito bem sem concertar estradas e retificar veredas — ergo, assim também podem fazer, etc. Estas páginas provarão, contudo, que neste império, em vias de se tornar tão poderoso e magnífico, comunicação significa civilização, prosperidade, progresso, tudo enfim. É mesmo mais importante para a prosperidade pública, do que a escola e a imprensa, pois que estas seguirão a primeira. E os viajantes que quiserem fazer algum benefício à terra, devem ferir até as náuseas esta mesma tecla" (BURTON, 1941, p. 114-115, tradução de Américo Jacobina Lacombe).

gila vermelha, que exigem constantes reparos. Um dos principais problemas é a passagem de boiadas por essas estradas, que deixam o chão marcado por "caldeiras" que se afundam cada vez mais, por vezes até quebrando a perna de algum animal.

"We are upon the highway between the metropolis of the Empire and the Capital of the Gold and Diamond Province⁶" (BURTON, 1869, v. 1, p. 58). Burton falará dos custos de manutenção dessas linhas de comunicação, que se dividem entre Imperiais, Provinciais e Municipais. Ainda que haja concessões públicas para manutenção, acidentes sempre acontecem entre elas. O responsável pela concessão "lays out well or ill, as the case may be. It is then thrown open to the public, and is left to be spoiled⁷" (BURTON, 1869, v. 1, p.58). Assim, a dificuldade natural se defronta com outra: a corrupção dos responsáveis (sejam agente públicos ou do que hoje chamamos de iniciativa privada) na concessão, construção e manutenção de estradas.

O tema da negligência da comunicação voltará ao final do segundo volume, quando pensará o transporte por via das águas, assim como descreverá as falhas do tecido ferroviário (BURTON, 1869, v. 2, p. 369). Burton relatará o caso de roubo de capital para compra de um navio a vapor para transporte no alto São Francisco, um problema ligado também à secretaria de Agricultura e Obras Públicas da região.

A construção das estradas de ferro é outro horror. Após a abertura da concessão para empreendedores, iniciam-se os trabalhos sem uma comissão para traçar um plano para as linhas centrais, nem um estudo preliminar do terreno. Calculavam-se cortes para os aterros baseados em levantamentos feitos por alto. "The result was

that might be expected. The lines were laid out and built with almost every conceivable defect; they were dear where they should have been cheap; they had tunnels where the land was to be bought for a song⁸" (BURTON, 1869, v. 2, p. 377). Orçamento excedidos e desperdiçados, prejuízos para todos. Burton chega a afirmar que este foi o único lugar onde a máquina a vapor concorreu para descivilizar uma região, ao espalhar dúvidas acerca de sua importância para as comunicações. O viajante apontaria ainda alguns exemplos positivos de navegação a vapor ocorrendo nessa região, mas o aspecto negativo em geral predomina em suas observações.

Esses caminhos nos trazem imagens de um Brasil conhecido, e por essas estradas já corriqueiras passamos àquilo que podemos chamar de "turismo brasileiro", como oferecido pela obra de Richard Burton. Nas descrições de festas típicas ou costumes locais, encontramos um "Brasil brasileiro", visto pelo olhar de um alto representante da cultura vitoriana.

The Samba and Pagode seemed to rage in concert with the elements, the twanging of instruments and the harsh voices screaming a truly African chaunt, suggested an orgie at Unyanguruwwe. Evidently much reform is here wanted, and it will come in the form of a steamer⁹. (BURTON, 1869, v. 2, p. 250).

A musicalidade dos brasileiros é um fator importante, encontrado em outras cenas, como a descrição de um jantar celebrativo, na região de Brumadinho. Os brindes que os convivas ofereciam eram sempre seguidos de uma pequena canção versificada, à qual a audiência aplaudia e acompanhava repetindo os versos (BURTON, 1869, v. 1, p.154). Quando já está percorrendo o São Francisco, o viajante falará da capacidade de

⁶ "É preciso pensar que estamos na principal estrada do Brasil, entre as capitais do Império e da Província do ouro e dos diamantes" (BURTON, 1941, p. 113, tradução de Américo Jacobina Lacombe).

⁷ "IÉ feita às vezes em pagamento de serviços políticos do concessionário,] que a constrói bem ou mal, como for o caso. É então aberta ao público e abandonada até que se estrague" (BURTON, 1941, p. 114, tradução de Américo Jacobina Lacombe).

⁸ "As linhas foram lançadas e construídas com todos os defeitos concebíveis. Partiram de lugares errados, correram em direções indevidas, e têm um custoso acabamento onde poderiam ser simples. Ficaram dispendiosas quando poderiam ser baratas" (BURTON, 1983b, p. 192, tradução de Américo Jacobina Lacombe).

⁹ "O samba e o pagode rugiam formando um concerto com os elementos. O retinir dos instrumentos, a agudeza das vozes dava a impressão de uma autêntica cantoria africana, uma orquestra em Unianguruwwe. É óbvio que há aqui muito que reformar. O símbolo delas é um barco a vapor" (BURTON, 1983b, p. 57, tradução de Américo Jacobina Lacombe). Destaque-se que a tradução de Américo Lacombe possui suas peculiaridades. O termo "orgie" é traduzido por "orquestra" e não por "orgia", possivelmente por questões de pudores de época no Brasil.

versificação de um barqueiro, que praticamente só se comunica cantando (BURTON, 1869, p. 210).

Naturally the subject matter is mostly amorous. The barqueiro delights in screaming "a largas guelas," at the top of his voice, some such verse as

Hontem vi uma dama

Por meu respeito chorar.

He eternally praises the Cor de Canella or brunette of these regions, and he is severe upon those of the sex who dare to deceive the poor mule-trooper or boatman.

Mulher que engana tropeiro

Merece couro dobrado

Coitadinho tropeiro coitado! (chorus).

He thus directs Mariquinha to put the kettle on:

Bota frango na panella

Quanda vejo cousa boa

Não posso deixar perder.

O Pilota (chorus).

Some of the songs still haunt my ears, especially one which much resembled "Sam 'All." The more and the louder they sing the better for the journey; it seems to revive them as the bell does the mule¹⁰ (BURTON, 1869, v. 2, p. 211).

Um alimento que aparece em diversos momentos é o feijão, do qual ele enumerará os tipos (BURTON, 1869, v. 2, p. 210), descrevendo uma tradicional receita de feijoada, comentando que o uso contínuo do tutano dos ossos e da gordura de porco, que para ele "does no good to the digestion of 'young Brazil'" (BURTON, 1869, v. 1, p. 104), ainda que seja uma das receitas favoritas das populações da região. O café e a cachaça voltarão também, como combustíveis de trabalho (que nessa época era em sua maioria escravo) ou de celebrações.

Alguns episódios são importantes para quem deseja se aventurar por esse "turismo", como as descrições de Richard Burton das igrejas barrocas e da arte de Aleijadinho (BURTON, 1869, v. 1, p. 123), assim como as descrições dos interiores de uma mina, no capítulo XXV, e a descida do rio São Francisco no final do livro. É na leitura de uma descrição de uma festa de São João que podemos encontrar uma imagem da antropologia colonialista, que matiza a perspectiva vitoriana de Richard Burton.

It was Sunday, June 23, the "vespera" (eve or vigil) of St. John, perhaps the oldest "holy day" in the civilized world. It is, I need hardly say, the commemoration of the Northern Solstice of the Mundi Oculus, when his "Dakhshanayan" begins. It is the feast of the mighty Baal [...], great "master", the "husband" of the moon, the mighty "Lord" of light and heat, the sun of this great world, both eye soul. We find him called Bel and Belus in Assyria and Chaldea, Beel in Phoenicia, Bal amongst the Carthaginians, Moloch (i.e., Malik, or king) amongst the Ammonites, Hobal in Arabia (Drs. Dozy and Colenso), Balder (Apollo) in Scandinavia, Belenus in Avebury, and Beal in Ireland. The flaming pyre is in honour of the Mundi Animus, the solar light. Thus we read in the "Quatuor Sermones," "In worship of St. John, the people wake at home, and made three manners of fires: one was of clean bones, and no wood, and that is called a bonfire; another is clean wood, and no bones, and that is called a wood-fire, for people to sit and wake thereby; the third is made of wood and bones, and that is called St. John's fire." So the sun-worshippers of northern England, the central counties, and of Cornwall, kindled on their highest Lowes and Torrs, at the moment of the solstice, huge *feux de joie*, and called them "Bar-tine." And at this moment, whilst we in the heart of the Highlands of Brazil, are watching the piling up and the kindling of the pyre, semi-pagan Irishmen in Leinster and Connaught, even in Queen's County: they are dancing round, and their children are jumping through their memorious Beal-tienne (Baal-fire). And still the Bound Towers in which the signal

¹⁰ Naturalmente a matéria das canções são, na maior parte, amorosas. O barqueiro delicia-se em gritar "a largas goelas" no máximo de sua voz, alguns versos como: "ontem vi uma dama/ por meu respeito chorar". Louva-se continuamente a cor-de-canela, ou, das regiões e trata-se com severidade as representantes do outro sexo que ousam decepcionar o condutor de tropa ou o barqueiro: "mulher que engana tropeiro / merece couro dobrado / coitadinho tropeiro, coitado! (coro)". Ele induz mariquinha a pôr a chaleira no fogo: "bota o frango na panela/ quando vejo cousa boa / não posso deixar perder/ o piloto (coro)". Algumas dessas canções ainda me soam aos ouvidos, especialmente uma que se parecia com o 'sam'all'. Quanto mais cantavam e mais alto, melhor para a viagem. Parece que isso os estimula como a sineta faz aos burros." (BURTON, 1983b, p. 17). Encontramos aqui um outro exemplo da peculiaridade da tradução de Américo Lacombe: o tradutor não traduz "mule" por "mula", e não "burro". Já em uma referência anterior, traduziu o termo por "cavalo".

¹¹ "[...] não faz bem à digestão do jovem brasil" (BURTON, 1941, p. 181).

fires were lit, are looking on (BURTON, 1869, v. 1, p. 147-148).¹²

Burton traz todo um conjunto de mitologias para sua descrição, aproximando a festa de São João a uma espécie de ritual pagão europeu ou asiático. A antropologia vitoriana desse tempo, que iria atingir seu apogeu com Lewys Morgan, Edward Tylor e James Frazer, concebia a história das manifestações religiosas e culturais por via de uma concepção de progresso evolutivo, indo do animismo e totemismo, passando pelo paganismo, para então atingir seu apogeu evolutivo no monoteísmo judaico-cristão. Situar a festividade brasileira como um ritual pagão à maneira europeia ou asiática, é uma forma de situar a cultura brasileira em um lugar do tempo ainda anterior aos "progressos do monoteísmo", talvez antes mesmo da denúncia de Moisés, da idolatria israelita ao deus pagão Baal.

É nessa procura de conhecer coisas antigas do Brasil que chegamos assim a algumas das instituições mais antigas de nossa colonização: o racismo e a escravidão, que se relacionam à economia exploratória e à exportação das riquezas nacionais.

2 Racismo, escravidão, colonialismo

Podemos dizer que os valores coloniais de Richard Burton aparecem no texto em uma mistura de "racismo científico", moralidade vitoriana e um liberalismo conciliado com indústria de exploração escravagista. Re ler *Explorations of the highlands of Brazil* é reencontrar em primeira

mão um período específico da história onde vicejavam abertamente as discussões racistas tal como ocorriam no século XIX. Além disso, o inglês chega ao Brasil já tendo tido a oportunidade de conhecer a colonização em outros continentes, possuindo um repertório cultural que daria certa autoridade a seu "racismo científico".¹³

Em sua percepção evolucionista, há uma espécie de quadro comparativo, na qual há raças melhores e piores. Em seus textos sobre a África, Burton estabelece um contraste entre duas "raças africanas". Os negros da África Central seriam aqueles condenados à extinção, eternamente situados em um mundo imoral e infantil, enquanto os beduínos do norte africano são espécie de "nobres selvagens" (GEBARA, 2003, p. 192-200). São descritos como "semicivilizados" por sua aproximação com o islamismo, enquanto que as outras etnias africanas recebem adjetivos pejorativos como "gorilas" ou "elo perdido" (GEBARA, 2003, p. 198). Descrições de "tipos raciais" que servem perfeitamente às pretensões de colonização e domínio europeu.

O Brasil será um ponto de inflexão em seu racismo, que vinha modificando a hipótese de fixidez racial predominante da *London Anthropological Society*, para pensar possíveis influências da história e da cultura.

De fato, costuma-se pensar numa oposição entre monogenismo e poligenismo, sendo que o primeiro aparece associado a conceitos como a fixidez do tipo racial, a análises da antropologia física, à subordinação da cultura à raça, entre outros, enquanto o segundo associa-se à etnologia, à diferenciação ao longo do tempo devido a fatores externos, como o clima, e,

¹² "Era Domingo, 23 de junho, véspera de São João, talvez o dia santo mais antigo do mundo civilizado. Não é preciso quase lembrar que se trata, da comemoração do solstício do norte, do mundi oculus, quando começa o "Dakhshanāyan". É a festa do poderoso Baal [...], o grande senhor, o marido da lua, o poderoso dominador da luz e do calor, o sol deste grande mundo, olho e alma. Encontramo-lo com o nome de Bel e Bal na Assíria e na Caldéia, Beel na fenícia, Bal entre os cartagineses, Moloch (i. E. Malik, ou rei) entre os amonitas, Hobal na Arábia (drs. Dozy e colenso), Balder (apolo) na Escandinávia, Belenos em Avebury e Beal na Irlanda. A pira ardente é uma homenagem ao Mundi Animus, à luz solar. Assim, lemos no Quatuor Sermones, que "em honra de Santo Antônio (aqui o tradutor traduz St Hohn por Santo Antonio), o povo levantava-se em casa e fazia três espécies de fogueira; uma era de ossos limpos e sem madeira e se chamava *bon-fire*; outra de madeira limpa e sem ossos, e se chamava *wood-fire* para em torno dela as pessoas se sentarem e andarem; a terceira era feita de madeira e de ossos, e esta se chamava fogueira de "Santo Antônio" (mesma coisa aqui!). Os veneradores do sol no norte da Inglaterra, nos condados centrais e da Cornoalha, acendiam no mais alto de seus montes e torres, na época do solstício, imensos *feux de joie* e os chamavam *Bar-tine*. E neste momento, enquanto nós no coração do planalto do Brasil, assistimos à preparação e ao acender da fogueira os irlandeses semipagãos em Connaught, mesmo no Condado da Rainha, dançam em volta de outra e os seus filhos saltam sobre suas *Beal-tienne* (fogueira de Baal) comemorativas. E as torres redondas em que os sinais de fogo se acendiam, os contemplam" (BURTON, 1941, p. 244, tradução de Américo Jacobina Lacombe).

¹³ A dissertação "A experiência do contato: as descrições populacionais de Richard Francis Burton" de Alexsander Lemos de Almeida Gebara (2001), nos ajuda a conhecer mais profundamente essa perspectiva. Para fins de resumo, utilizaremos seu artigo "As representações populacionais de Richard Francis Burton – uma análise do processo de constituição do discurso sobre populações não europeias no século XIX" (2003).

logo, a concepções evolucionistas. Entretanto, estas oposições não resolvem a complexa questão do pensamento sobre o desenvolvimento do homem e da civilização na segunda metade do século XIX. Muitas vezes surgiam elementos aparentemente contraditórios numa mesma interpretação (GEBARA, 2003, p. 201).

Não é difícil, então, encontrarmos em muitos trechos do texto sua visão enviesada das populações africanas. Como, por exemplo, quando considera que a escravidão é boa, pois aproxima a "raça africana" da civilização: "Under all circumstances the negro 'coolie' temporarily engaged in the Brazil will benefit himself: confined to field work, not admitted to the house, and looked upon as a stranger in the land, he will benefit others"¹⁴ (BURTON, 1869, p. 272).

Para Burton, há um "destino manifesto" dos povos selvagens, que pode ser encontrado na epígrafe do capítulo XXVIII, quando cita uma frase de Oscar Reichenbach em que este considera inevitável sua extinção: os povos indígenas serão mortos resistindo inutilmente à civilização, enquanto os povos africanos perecerão todos sacrificando-se à cultura à qual estão servindo como humilde instrumento (BURTON, 1869, v. 1, p. 270). Por sua proximidade da antropologia vitoriana, Burton acredita que o negro no Brasil é um exótico, e que um quarto de século provará que é difícil mantê-lo vivo nesse continente.

Falando sobre sua surpresa com os habitantes de Morro Velho, irá afirmar:

I especially noticed the civil and respectful demeanour of the Morro Velho blacks, who invariably touch their hats to a white stranger, and extend their hands for a blessing. They are neither impudent, nor cringing, nor surly, and, in my opinion, there is no better proof that they are well and humanely treated. I would here formally retract an opinion which I once thoughtlessly adopted upon the worst grounds, 'general acceptance'. The negro cannot live in

the presence of the civilized man: the Brazil proves that unless recruited from home the black population is not more viable than the 'Red Indian'. His rule and 'manifest destiny' art those of all savages¹⁵ (BURTON, 1869, p. 277).

No texto original, a última frase possui a nota de rodapé na qual Richard Burton recupera outra hipótese racista. Para Colonel Tulloch, como os números de mortes devem exceder o número de nascimentos, em um século a população africana estaria praticamente extinta nas Antilhas inglesas. Afirmção que prevê um inevitável genocídio de vidas negras e indígenas, com a certeza de um prognóstico supostamente científico.

No capítulo XXXVIII – "The mineiro" –, encontramos o núcleo de suas teses racistas vitorianas em transformação. Ele sugere que a população mineira seja descendente de europeus e sofreu alterações fenotípicas e morais oriundas da ação do clima, o que o leva a falar de uma "crioulização", teoria que se opõe às concepções vigentes na London Anthropological Society. "This belief in 'Creolism' may be heretical, and, if so, the sooner it is stated and disproved the better"¹⁶ (BURTON, 1869, v. 1, p. 391).

É possível explicar essa polêmica de Burton com os antropólogos ingleses, por uma aproximação comercial entre Inglaterra e Brasil, o que levaria o viajante inglês a reproduzir pautas da elite brasileira, com vistas a expressar uma forma de aliança internacional.

As possibilidades de desenvolvimento do Brasil, alavancadas pelo estreitamento das relações comerciais com a Inglaterra e possivelmente pelo estabelecimento de um fluxo de imigração europeia, esbarravam no contingente populacional negro. A equação foi resolvida por ele, como se viu, através da condenação desta parcela da população ao desaparecimento, uma vez que não era capaz de se aclimatar. Já a população de ascendência europeia, "crioulizada" pela ação climática,

¹⁴ "Sob todas as circunstâncias o *coolie* negro temporariamente engajado no Brasil se beneficiará: confinado ao trabalho do campo, não admitido à casa, e olhado como um estrangeiro na terra, ele beneficiará os outros" (BURTON, 1941, p. 433, tradução de Américo Jacobina Lacombe).

¹⁵ "Notei especialmente o comportamento educado e respeitoso dos negros de Morro Velho que invariavelmente tocam os chapéus para um branco estrangeiro e estendem as mãos para a bênção. Não são atrevidos, nem servis, nem desagradáveis e, na minha opinião, não há melhor prova de que são bem e humanamente tratados. Reconsidero formalmente aqui uma opinião que adotei sem pensar baseado no pior dos fundamentos: "a aceitação geral". O negro não pode viver na presença do homem civilizado: o Brasil prova que, a menos que seja recrutada de sua pátria, a população negra não é mais viável que à dos índios vermelhos. Sua lei e "manifesto destino" é o de todos os selvagens" (BURTON, 1941, p. 440-441, tradução de Américo Jacobina Lacombe).

¹⁶ "Essa crença no criolismo pode ser herética e, se assim for, quanto mais cedo for isso verificado e condenado, tanto melhor" (BURTON, 1983a, p. 113, tradução de Américo Jacobina Lacombe).

estava perfeitamente adaptada e apresentava condições plenas de contribuir no cumprimento de seu papel para o desenvolvimento do Brasil e conseqüentemente em seu caminho em direção a uma civilização próxima à forma europeia (GEBARA, 2003, p. 203).

Como cônsul do Império Britânico, Richard Burton teve a oportunidade de testemunhar a experiência da colonização em vários países da África. Sua posição como funcionário imperialista indica que não estamos errados em considerar que encontramos, em seu texto, alguns trechos que manifestam a ideologia da colonização em toda sua pureza. Como por exemplo, a sugestão de que a escravidão no Brasil era das mais suaves: "I will not delay to consider whether race or climate, religion or state of society, or the three combined, give rise to the exceptionally humane treatment of the slave in the Brazil"¹⁷ (BURTON, 1869, v. 1, p. 270). Dirá, em seguida, que os negros escravizados no país têm ali, por uma lei não escrita, muitos dos direitos de um homem livre, e que não invejariam a "pobreza livre" da maioria miserável dos países do mundo civilizado.

Fará também a defesa da necessidade de imigração e branqueamento para o Brasil, como caminho para seu progresso. Ela seria mesmo a rota para acabar com a escravidão, que desapareceria com a chegada do livre trabalho de imigrantes. "All look forward to the great day of immigration and free labour. All, too, are aware of the fact that immigration and slavery can hardly co-exist"¹⁸ (BURTON, 1869, v. 1, p. 272).

É assim o duplo projeto que desvelamos: por um lado a escravidão irá lentamente desaparecendo, conforme o número de vidas negras eliminadas vai crescendo; por outro, as modernas

relações de mercado vão crescendo e se ampliando, com a imigração de europeus fazendo com que se assegure a inserção do Brasil no mundo industrial.

Algo importante para a compreensão da escravidão aparece quando vemos o modo de funcionamento do trabalho utilizado para mineração. "It was written that when a diamond is found weighing seventeen and a half carats (my innocence did not remark that "half"), the negro is entitled to his liberty—is crowned with flowers, and is entitled through life to look for diamonds on his own account"¹⁹ (BURTON, 1869, v. 2, p. 116). E umas páginas adiante, a explicação do porquê esse direito é concedido aos escravos mineiros: "He may receive his freedom after finding a stone weighing more than an oitava and a half; not by law, however, but in order to encourage the other labourers"²⁰ (BURTON, 1869, v. 2, p. 118). A concessão da alforria se faz apenas para encorajar o trabalho de outros, em uma espécie de sistema corporativo no qual lhe é concedido aquilo que nunca deveria ter perdido (a liberdade), em troca do direito de fazer o mesmo serviço, mas sem as condições de subsistência asseguradas pela condição de escravo empregado. Apenas como incentivo para os outros escravos trabalharem mais.

Devemos lembrar o subtítulo do livro de Richard Burton: "A full account of the gold and diamond mines".²¹ Uma das motivações do escritor é mostrar que mineração e garimpo apenas começavam no Brasil,²² trazendo uma série de dados geológicos, estatísticas e fontes documentais para embasar seu argumento. Encontramos a descrição do garimpo (com todas as etapas de

¹⁷ "Passarei agora a considerar se a raça, o clima, a religião ou o estado social ou os três fatores combinados, deram origem ao tratamento excepcionalmente humano do escravo no Brasil" (BURTON, 1941, p. 429, tradução de Américo Jacobina Lacombe).

¹⁸ "Todos olham para o futuro, para o grande dia da imigração e do trabalho livre. Todos também estão prevenidos do fato de que a imigração e a escravidão dificilmente podem coexistir" (BURTON, 1941, p. 432, tradução de Américo Jacobina Lacombe).

¹⁹ "Estava escrito que 'quando se encontrava um diamante com o peso de dezesseis e meio carats, o negro que o encontrava (minha inocência não prestava atenção a este "meio") recebia sua alforria e o direito de procurar diamante por conta própria" (BURTON, 1983a, p. 304, tradução de Américo Jacobina Lacombe).

²⁰ "Ele pode encontrar sua liberdade ao encontrar uma pedra pesando mais de uma oitava e meia, não por lei, porém, mas a fim de animar os outros trabalhadores" (BURTON, 1983a, p. 305, tradução de Américo Jacobina Lacombe).

²¹ "Uma descrição completa das minas de ouro e de diamante" (BURTON, 1941, p. 9, tradução de Américo Jacobina Lacombe).

²² "Uma informação que nos traz para os tempos de hoje, onde o garimpo e a mineração buscam avançar por terras indígenas. Se de fato ainda começavam nos tempos de Richard Burton, no Brasil de 2021, encontramos uma trágica contemporaneidade na frase: "Presently to hunting red-skins was added another industry – gold-digging" (BURTON, 1869, v. 1, p. 384). "Foi então que a indústria da caça ao índio foi acrescida de outra - a exploração do ouro" (BURTON, 1983a, p. 108, tradução de Américo Jacobina Lacombe). Há um descuido na tradução de Américo Lacombe, já que a tradução literal seria "a exploração do ouro".

lavagem ou peneiração) tal como ainda realizado em certas regiões. O livro de Burton quase chega a fornecer um manual passo a passo para a exploração de minério, conforme feita por diversos tipos de empreendedores ou na modalidade adaptada para cada formação geológica.

Each talhão, or rock-wall of the underground channel, was wonderfully worked into pit holes and convex curves, regular as though the latter had been used, by the grinding action of gravelly water. These are the richest pockets, and each may yield a hundred contos of reis. The hanging wall, and the loosened blocks on the sides, were carefully timbered wherever a joint was inclined to open. The negroes, watched by overseers stationed at every angle, were removing, with the usual merry song, the valueless stratum under which they expected to find the gem-bearing yellow Cascalho²³ (BURTON, 1869, p. 113-114).

Falando sobre as tecnologias que encontrou sendo utilizadas nas minerações, afirma que não havia o menor sinal de moedores, guindastes, polias ou trilhos. "The negro was the only implement, and he carried as much as a schoolboy would stuff into his pockets — a pair of buckets would have done the work of a hundred such men²⁴" (BURTON, 1869, p. 122). Assim, a indústria da mineração funcionava apenas com trabalho braçal de escravos. E a justificativa que Burton dá para isso é que haveria falta de exemplos de uma raça mais construtiva (BURTON, 1869, p. 122).

Nesse Brasil, não é à toa que a visão do campo de trabalho em uma mina se associe à representação literária do inferno de Swendenborg.

It was lit up with torches, and the miners — all slaves, directed by white overseers — streamed

with perspiration, and merrily sang their wild song and chorus, keeping time with the strokes of hammer and drill. The heavy gloom, the fitful glare of the lights, the want of air, the peculiar sulfurous odour, and the savage chaunt, with the wall hanging like the stone of Sisyphus or the sword of Damocles, suggested a sort of material Swedenborgian hell, and accordingly the negret Chico faltered out when asked his opinion, "Parece o inferno!"²⁵ (BURTON, 1869, p. 340).

Para Richard Burton, a mineração encontrada no Brasil se utilizava de técnicas da época do Império Romano: "The following sketch of gold-mining in the Brazil will show how little the Roman system has been changed since A.D. 50"²⁶ (BURTON, 1869, p. 209). Algo que sugere que ele não considera a própria técnica de mineração trazida pelos africanos escravizados.²⁷

Entre todos os relatórios que Burton enumera ou busca elaborar a respeito do Brasil, um se destaca por sua justificativa. No início do capítulo "The black miner", o viajante inglês afirma que anos atrás houve "boatos" contra as mineradoras inglesas no Brasil. Para ele, a opinião pública da época estava contaminada por uma indignação contra a escravidão, causada pela mera ignorância e sentimentalismo, assim como efeitos retóricos do poema "The negro's complaint" ("O lamento dos negros") de William Cowper (cujos versos posteriormente seriam bastante citados, inclusive por Martin Luther King). Burton procura então "restaurar a verdade" sobre a mineração inglesa, oferecendo um relato em primeira mão daquilo que observa lá. É nesse contexto que afirma que a escravidão em nenhum lugar era mais leve, e de que todos os homens inteligentes do

²³ "Cada talhão ou marulha de pedra do canal inferior estava maravilhosamente lavrado em covas e curvas convexas, como se as últimas tivessem sido abertas pela ação da água cheia de cascalhos. Esses são os mais ricos orifícios e cada um "pode" fornecer uma centena de contos de réis. As paredes pendentes e os blocos sólidos dos lados, estavam cuidadosamente recobertos de madeira sempre que uma ligação estava tendente a abrir-se. Os negros, fiscalizados pelos feitores, em cada ângulo, estavam retirando, com as canções alegres habituais, as camadas sem valor, abaixo das quais eles contavam encontrar o cascalho amarelo que contém as pedras preciosas" (BURTON, 1983a, p. 302, tradução de Américo Jacobina Lacombe).

²⁴ "O negro é a única máquina que produz e ele pode transportar tanto quanto um colegial poderia pôr em seus bolsos — um par de baldes faria o trabalho de uma centena desses homens" (BURTON, 1983a, p. 309, tradução de Américo Jacobina Lacombe).

²⁵ "Estava iluminada por meio de archotes e os trabalhadores — exclusivamente escravos sob direção de brancos — transpiravam abundantemente e cantavam alegremente suas canções selvagens, acompanhando o ritmo dos martelos e perfuradores. A escuridão profunda, a luz vacilante das tochas, a falta de ar, o cheiro peculiar de enxofre e o canto selvagem, com a parede de rocha dependurada ameaçadoramente no alto, como uma pedra de Sísifo ou uma espada de Dâmocles, faziam pensar na materialização do inferno de Swendenborg, e muito a propósito o negro chamado Chico, ao perguntarmos sua opinião, exclamou: "parece o inferno!" (BURTON, 1983a, p. 46-47, tradução de Américo Jacobina Lacombe).

²⁶ "O seguinte esboço da mineração no Brasil, mostrará como o sistema romano mudou pouco desde o ano do Senhor de 50" (BURTON, 1941, p. 336, tradução de Américo Jacobina Lacombe).

²⁷ Para essa questão, ver o texto de Andréa Lisly Gonçalves, "Escravidão, herança ibérica e africana e as técnicas de mineração em minas gerais no século XVIII" (2004).

país não esperavam a hora de que a imigração e o livre trabalho tornassem a escravidão obsoleta.

Burton conhecerá diversas minas, como as de São João do Rei, Morro Velho, ou a de Cata Branca. Recuperará a história da mineração inglesa no Brasil desde 1824, ano de entrada da English Company, que se espalha pelas cidades de Boa Vista, Bananal/Água Quente, Socorro, Campes- tre, Catas Altas, Cata Preta, Inficcionado, entre outras. Falará de outras companhias, do aumento da especulação mineradora no país, a partir de 1859. Como ele mesmo afirma, "After reading a variety of reports, I am able to describe the actual way of 'getting up' an English Gold-mining Company, Limited (as to profits), in this section of the Brazilian California" (BURTON, 1869, p. 216).²⁸ Seu texto busca fazer um levantamento dos tipos de formação dos depósitos de ouro, assim como a constituição de metais como cobre e prata encontrados no Brasil.

Assim, além de sua perspectiva pessoal, no relato de Burton encontramos o registro de um período histórico crucial, quando a Inglaterra procurava inventariar a industrialização das terras brasileiras para exportar não só tecnologia industrial, mas também uma visão de mundo enquanto desenvolvia os sistemas de exploração das riquezas já existentes, conforme eram conduzidas pelo colonialismo português.

Encerremos essa triste seção com uma descrição deste personagem vindo dos tempos coloniais, e que retorna nos tempos atuais: "from these holes gold in grain and nuggets [...] was extracted, after which the ground was supposed to be 'worked out'. This system, like the 'lavra', was peculiarly the work of the 'Garimpeiro', the contrabandist and free lance"²⁹ (BURTON, 1869, p. 210). Personagem que insiste em se fazer presente no Brasil de 2021, exigindo os mesmos direitos de voz para com o presente Ministério

do Meio Ambiente.³⁰

3 Colonialidade da moral liberal

Um elemento importante para entendermos a perspectiva de Richard Burton é sua moralidade vitoriana, assim como sua adesão à ideologia liberal. Lembremos que já um dos pais do liberalismo, John Locke (1994), buscava tematizar a escravidão por via de uma teoria da propriedade: é por não ser apto à manutenção de sua maior propriedade (sua vida) que um escravo acaba cedendo o direito de posse de seu corpo a seu senhor.³¹ A teoria da propriedade privada liberal de certa maneira fundamenta a possibilidade do regime de escravidão.

O discurso de que a colonização era uma forma de acelerar a civilização desses povos escravizados se fazia, muitas vezes, através de uma perspectiva moralizadora, como se a dominação imperialista não passasse de uma grande lição do mestre sobre o escravo. "Como aventura de tradição iluminista, a viagem produzia o que Marie-Noelle Bourguet chamou de heróis de uma utopia liberal que prometia levar a civilização ao mundo 'selvagem' (Bourguet, 1997; Lima, 2000)" (LOSADA; DRUMMOND, 2015, p. 255).

A perspectiva liberal de Richard Burton pode ser reconhecida em alguns episódios. É, afinal, dos liberais da Inconfidência que estará falando quando analisa alguns poemas de Tomás Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa e Alvarenga Peixoto (BURTON, 1869, v. 1, p. 366). Burton indicará como disputas entre conservadores e liberais afetaram certas regiões do país, quando observa a situação arruinada da cidade de Pilão Arcado devido a tais conflitos (BURTON, 1869, v. 2, p. 342).

Mas uma citação importante surge quando comentará sobre a comemoração do Dia da Independência, já que cita a "liberalidade" do Brasil.

²⁸ "Depois de ler uma série de relatórios, estou apto a descrever o caminho atual de "erguer" uma companhia inglesa de mineração limitada (parecem ser assim os lucros) nesta seção da califórnia brasileira" (BURTON, 1941, p. 346, tradução de Américo Jacobina Lacombe).

²⁹ "Desses buracos o ouro em pó e em bocados [...] foi extraído, depois do que, o terreno se considerava trabalhado. Este sistema, como a lavra, constituía especialmente o trabalho do garimpeiro, o contrabandista e francoatirador" (BURTON, 1941, p. 338, tradução de Américo Jacobina Lacombe).

³⁰ Cf. "Ministro do Meio Ambiente recebeu garimpeiros ilegais em conversa fora da agenda e sem registros" (PRAZERES, 2020) e "Defensores do garimpo pedem ajuda ao governo" (TAVARES, 2021).

³¹ Ver o capítulo "Da escravidão" no *Segundo tratado sobre o governo*, de John Locke (1994).

We did not forget a health to this, the Independence Day of the Brazil. Within the life of a middle-aged man she has risen from colonyhood to the puberty of a mighty Empire, and history records few instances of such rapid and regular progress. This "notanda dies" also opens to the ships of all nations, the Amazons and the Rio de Sao Francisco; a measure taken by Liberals, but, curious to say, one of the most liberal that any nation can record. In spirit we join with the rejoicings which are taking place on the lower waters of the liberated streams³² (BURTON, 1869, p. 157).

Esse trecho pode ser contraposto com outros em que Burton sugere a grande disposição dos brasileiros em abrir a porta para os especuladores estrangeiros.³³ Essa abertura parece se refletir não só em uma generosa e facilitada exportação de suas maiores riquezas nacionais, como também na assimilação de ideais coloniais (que aqui se tornariam "ideias fora do lugar", segundo a consagrada expressão de Roberto Schwarz). Assim, haveria uma adesão à economia política liberal, como a certos princípios de seu núcleo filosófico, a saber, a concepção de um progresso por via do trabalho individual, e que se expressa na forma de um moralismo herdado de múltiplas referências filosóficas, tais como Locke, Rousseau e Kant.

Em *Explorations of the highlands of Brazil*, o moralismo de Burton acaba manifestando certas posições vitorianas (como o desprezo pelo catolicismo e o prestígio do protestantismo), assim como seu discurso civilizatório expressa uma espécie de "sátira racista", na qual todo sistema colonial e escravocrata não passa de uma lição dos povos superiores sobre os subalternos. Não serão poucos os trechos em que comentará da indolência do povo, sua incapacidade de trabalho industrial: "The life of these country places has a barbarous uniformity. [...] It is every man's object to do as little as he can, and he limits his utmost industry to the labours of the smallest Fazenda"³⁴

(BURTON, 1869, p. 357).

Há então uma sutileza em seu texto, que podemos encontrar em sua descrição de uma "batida", na qual a casa grande faz uma vistoria no conjunto de escravos que são sua "propriedade". Por um lado, Burton fala das qualidades do conjunto de "chattels" (de bens) (BURTON, 1869, p. 236) ali enumerados, falando dos escravos como de peças de uma máquina. Como vimos, seres humanos que sozinhos, sem nenhuma tecnologia, abriram as rochas e extraíram os minerais preciosos que a elite traficava. Vidas que produziam o valioso café ou cana-de-açúcar, fazendo rica a elite do país, mas que eram vistas ali (literalmente) como peças da máquina. Por outro lado, Burton olhará para os escravos fazendo um juízo de valor moral: aqueles que tinham salvação, os que em seu tempo livre trabalhavam para si mesmos. Por outro, aqueles dissolutos que (no único dia livre que possuem na semana) se divertem ao que Burton chama de "à maneira africana".

Hoje podemos ler esse trecho e nos perguntar quem afinal era o imoral, aqueles que buscavam ter um mínimo de diversão em uma vida condenada, ou se é aquele que espera reorganizar e industrializar esse sistema, mesmo que seja à custa da totalidade dessas vidas negras. Essa percepção nos permite ressituar certos clichês sobre o Brasil, como manifestações de uma colonialidade do poder, que se mantém entre as classes privilegiadas ainda hoje.

Esses preconceitos teriam se renovado por via da obra de pensadores do porte de Sérgio Buarque de Hollanda, que de certa maneira atualizaram as "utopias liberais civilizatórias" desse período para uma ótica racionalista (no caso desse pensador, por influência da obra de Max Weber). É o que considera o importante sociólogo

³² "Não esquecemos de levantar um brinde ao dia da independência do Brasil. Alcançando a madureza de um homem de meia idade, o país passou da fase colonial à puberdade de um poderoso império e a história registra raros exemplos de um progresso tão rápido e tão regular este dia notável (*notanda dies*) também registra a abertura aos navios de todas as nações dos rios Amazonas e São Francisco, medida promovida pelos liberais, mas, é curioso dizer, uma das mais liberais que as nações podem registrar. Em espírito juntamo-nos às jubilosas comemorações que estão ocorrendo nas águas mais abaixo dos rios liberados." (BURTON, 1983a, p. 348).

³³ "It is not pretended that strangers are favourites anywhere in the Brazil; the country expected from them far too much, and they justified considerably less than the most moderate expectations" (BURTON, 1869, p. 100). "Não se quer com isso dizer que os estrangeiros são favoritos em qualquer parte do Brasil. O país esperava deles muito mais e eles justificaram muito menos que as mais moderadas expectativas" (BURTON, 1983a, p. 285).

³⁴ "A vida desses lugares do interior é de uma bárbara uniformidade. [...] É objetivo de cada homem fazer o menos que possa, e limitar suas atividades aos trabalhos da menor Fazenda." (BURTON, 1983b, p. 172-173, tradução de Américo Jacobina Lacombe).

Jessé Souza (2018), que analisa a passagem do "racismo científico" para uma forma de "racismo culturalista", já que Sérgio Buarque consagra teoricamente a comparação entre modelos anglo-saxões (sociedades "exclusivamente guiadas" pela eficiência e produtividade), e modelos ibéricos (personalistas, conduzidos pela cordialidade), presente no Brasil.

Pensadores da brasilidade como Sérgio Buarque teriam dado certa seriedade científica para uma explicação que reproduz o modelo racial-moralista de Richard Burton (por exemplo, o par confiança/racionalidade vs. corrupção/emotividade). Opõe-se primitivo, pessoal, corrupto, aos valores próprios da modernidade, como a impessoalidade e a eficiência. Jessé Souza afirmará que a concepção de Sérgio Buarque (herdando algo de Gilberto Freyre) oferece o modelo culturalista dominante de análise para a sociedade brasileira atual. Nesse sistema, que se constrói muito mais pelo "espírito" da "cultura nacional" do que por uma investigação econômica e sociológica, o Estado é visto *a priori* como incompetente e inconfiável (e não injusto e explorador), enquanto o mercado é visto sempre manifestando a racionalidade e a virtude da eficiência.

Nesse modelo, a corrupção é sempre de Estado, nunca de mercado. As expressões últimas dessa análise são os estudos do "patrimonialismo brasileiro", no qual o principal problema nacional seria remetido à herança administrativa ibérica (muito distinta de uma supostamente "incorruptível" administração anglo-saxã). Tal modelo teria fornecido as bases para o senso comum das explicações do motivo do porquê "o Brasil não vai pra frente", se manifestando mais recentemente no discurso anticorrupção que elevou à categoria de "herói", o futuro ex-ministro do governo Bolsonaro, Sérgio Moro.

O importante, no espaço de nosso artigo, é entender a familiaridade que encontramos no moralismo de Richard Burton com certos clichês culturalistas, que fornecem a perspectiva liberal que projeta causas de caráter individual (corrupção, vagabundagem, preguiça, emotividade etc.), como mais relevantes que problemas

econômicos estruturais, como a desigualdade de distribuição de renda, no país onde o sistema escravocrata foi mais intenso e duradouro. Semelhança que esconde um viés colonialista e racista, já que opõe o demérito brasileiro a uma perfeição anglo-saxã, de racionalidade eficiente e impessoal, encontrável apenas no mercado. Um mercado que em tempos de neoliberalismo, se apropria das riquezas nacionais a preço de banana.

Assim, podemos ler o texto de Richard Burton como uma importante lição de colonialidade para a elite brasileira. Como no trecho em que comenta as relações econômicas das corporações britânicas mineiras com o Estado brasileiro, e a reclamação de intelectuais brasileiros sobre a falta de exigências fiscais:

"What does the mine pay to the State?" ask the well educated. "These strangers carry all the gold out of our land," say the vulgar, who would see unmoved a shanty surmounting a gold mountain. Lt. Moraes speaks of seven English companies [...]. He calculates that between 1860-3 the Morro Velho Mine should have enriched the Treasury by "près un million de francs."

But in its highly liberal policy the Brazilian Government was emphatically right. The educated and the vulgar, who look only to monies actually paid, and who fancy that enormous indirect benefits mean nothing, are as emphatically wrong. Had the Imperial impost not been removed from the Morro Velho and other establishments these must have been ruined. Those in power happily had the courage to assist their "Do ut des," in opposition to the "dog-in-the-manger" policy, which is that of all half-civilised peoples.

"Brazileirismo" in the Brazil, and Americanismo in the Hispano-American republics, are never so rampant as when boasting of their country, a vanity even vainer than that of vaunting one's birth. The "torrão abençoado" (Heaven-blest soil) has past into the category of chaff. The sun, the moon, the stars, are subjects of popular braggadocio. "You have no such moon as that in France," I heard a Brazilian say to a Frenchman.

"No," was the reply: "we have a poor old night-light, wellnigh worn out; but it is still good enough for us." Hence there is prodigiously "tall talk" concerning the magnificent Empire, the wondrous Land of the Southern Cross, with its mighty wealth and its splendid destiny. Whatever the latter may be, the riches are still in the ground, and the nation is undoubtedly poor. The capitalist will not, it is a truism to say, hazard money in a far country, when it would make as much at home; and the many risks to

which he is exposed must raise his percentage of profits. I conclude, therefore, that if the Brazilian Government listen to that bad adviser, the General Voice, it will not deserve better fortune than what has befallen English mining and English railways in the Brazil. As yet, however, let me repeat, the Government in question has displayed exceptional sagacity³⁵ (BURTON, 1869, p. 218-219).

Com isso, podemos encerrar com um pouco de sabedoria popular, também recuperada por Richard Burton no apelido dado à formiga, uma das piores pragas brasileiras, segundo o dito "muita saúva e pouca saúde, os males do Brasil são", presente em *Macunaíma* de Mário de Andrade. Um epíteto que diz bastante sobre o problema econômico criado pela colonialidade liberal, tal como aquela de Richard Burton, e que se mantém até hoje: "The 'plantation ant,' which the old Portuguese called the king of the Brazil, is a perfect 'liberal,' which here means a 'know-nothing'. It injures the produce of the country, but it 'eats up' the stranger"³⁶ (BURTON, 1869, p. 224).

Considerações finais

Elemento curioso do texto é a faceta turística que o autor lhe dá, e que buscamos desenvolver no início de nosso texto. Encontramos a descrição dessa ambição que Richard Burton visava para seu livro de viagens pelo Brasil, no primeiro capítulo de seu texto.

I am about to describe in this volume a holiday excursion which we made to the Gold Mines of Central Minas Geraes via Petropolis, Barbacena, and the Prairies and Highlands of the Brazil. Our journey has a something of general interest; in a few years it will have its Handbook and form a section of the Nineteenth Century "Grand Tour." And I venture to predict that many of those now living will be whirled over the land at hurricane speed, covering sixty miles per hour, where our painful "pede-locomotion" wasted nearly a week. Perhaps they may fly — *Quem sabe?*³⁷ (BURTON, 1869, v. 1, p. 19).

Burton situa o livro dentre aqueles relatos das "Grand Tour" do século XIX, imaginando-o para um leitor futuro, quando talvez já se pudesse cruzar o Brasil de avião, o que nos legitima em nossa leitura de *Explorations of the highlands of Brazil* no ano de 2021. Tentamos replicar, nesse nosso turismo literário pelo Brasil, uma espécie de desespero geral daqueles que vivem em um ano de duras tragédias. Em nosso turismo procuramos performar o "show de horrores" que encontramos quando encontramos a saúde pública, a economia, o meio ambiente, os direitos humanos etc., em calamidades um dia após o outro.

Em seu livro, Richard Burton busca fazer propaganda das terras brasileiras, buscando estimular a mineração e o garimpo no país, mostrando como esses empreendimentos podem ser extremamente lucrativos para especuladores estrangeiros. Fala das condições de implementação do trabalho livre, a partir da imigração e do fim

³⁵ "O que paga ao estado a mina?" perguntam os mais bem-educados. "Estes estrangeiros carregam todo o ouro para fora de nossa terra", diz o povo que veria impassível um casebre cobrindo uma mina de ouro. O tenente Moraes fala de sete companhias inglesas "explorando em proveito da Inglaterra as riquezas incalculáveis que a natureza escondeu no solo do Brasil" ele calcula que entre 1860-3, a mina de Morro Velho deveria ter enriquecido o tesouro com "perto de um milhão de francos". Mas na sua política altamente liberal o governo brasileiro esteve energicamente certo. Os educados e o vulgo, que encaram somente as quantias pagas no momento e que imaginam que estes enormes benefícios indiretos nada significam, estão igual e expressivamente errados. Não tivesse sido dispensado o imposto imperial de Morro Velho e outros estabelecimentos, e estes se teriam arruinado. Os que estavam no poder, felizmente tiveram a coragem de sustentar a política de *do ut des* em oposição à política do "cão na mangedoura", que é dos países semicivilizados. O "brasileirismo" no Brasil e o americanismo nas repúblicas hispano-americanas, aparecem no seu aspecto mais agudo quando gabam sua terra, vaidade ainda mais vã do que a de louvar o nascimento de alguém. O "torrão abençoado" já passou a categoria de ridículo. O sol, a lua, as estrelas, são motivos de fanfarronice popular. "não tendes uma lua como esta em França", ouvi um brasileiro dizer a um francês. "não, foi a resposta, temos uma velha e pobre lamparina, quase gasta, mas ainda é bem boa para nós". Dai haver prodigiosos e elevados discursos com referência ao Império magnífico, à maravilhosa terra do Cruzeiro do Sul, com a sua imensa riqueza e seu esplêndido destino. Qualquer que seja este último, as riquezas ainda estão no solo e a nação é sem dúvida pobre. O capitalista, é um truismo dizê-lo, não vai arriscar dinheiro numa terra longínqua, enquanto puder lucrar o mesmo em sua terra; e os muitos riscos a que se expõe devem elevar a sua porcentagem de lucros. Concluo, pois, que se o Governo Brasileiro ouvir este mau conselheiro — a Voz Geral — não merece melhor fortuna do que a que coube à mineração e às estradas de ferro inglesas no Brasil. Até agora, porém, repetamos, o Governo no caso revelou uma excepcional sagacidade (BURTON, 1941, p. 349-351, tradução de Américo Jacobina Lacombe).

³⁶ "A **formiga das plantações**, que os velhos portugueses chamavam de rei do Brasil, e que é um perfeito **liberal**: (coisa que aqui significa ignorante) — estraga o produto da terra, mas devora o estrangeiro —" (BURTON, 1941, p. 359, tradução de Américo Jacobina Lacombe).

³⁷ "Pretendo descrever neste volume uma excursão de férias que fizemos às minas de ouro da Província de Minas Gerais, via *Petrópolis* e *Barbacena*, através dos campos e planaltos do Brasil. A nossa viagem teve algo de interesse geral. Dentro de poucos anos a zona que percorremos terá o seu "Guia" descritivo e estará compreendida no "Grand Tour" do Século XIX. Ouso predizer que muitos dos agora vivem percorrerão esta terra numa vertiginosa velocidade de sessenta milhas por hora, quando nós, em nossos primitivos meios de transporte, vencemos esta distância em quase uma semana. Talvez possam voar — **Quem sabe?**" (BURTON, 1941, p. 55, tradução de Américo Jacobina Lacombe).

da escravidão e extermínio da população negra, replicando a tese do branqueamento como modernização do país. Dará conselhos para a elite nacional e fará juízos morais sobre a indolência do povo brasileiro, sua corrupção de Estado, que se manifestarão de maneira atualizada nas análises do Brasil contemporâneo.

Gostaríamos, então de apontar um último caminho para atravessarmos "turisticamente" a obra de Richard Burton no Brasil de 2021. Seria sua contribuição enquanto fonte documental para análise da história desse "outro da cultura", a natureza brasileira. Viajante cujo estilo poético e conhecimento técnico era exemplar, podemos encontrar em sua linguagem um *espírito cheio de bichos* (LOSADA; DRUMMOND, 2015), com descrições detalhadas da diversidade biológica do que é singularmente brasileiro, servindo de importante fonte de contato com seus segredos naturais.

No primeiro volume são os buritis, as figueiras, as quixabas, as carnaúbas, os xique-xiques, as palmeiras de tucumãs. No segundo, a Pirapora, o pequizeiro, os pássaros e macacos, o jacaré, as serpentes e o "minhocão". O que distingue o mundo da natureza do mundo humano é da ordem sonora:

Burton, cuja viagem percorreu os caminhos entre o Rio de Janeiro e [...] [o rio] São Francisco, descreveu uma natureza cuja sonoridade era a marca explicativa. Sons e ruídos determinavam a distância ou proximidade dos animais, a sua localização e movimentação (LOSADA; DRUMMOND, 2015, p. 258).

No texto de Burton há uma série de gritos, clamores, lamúrias e uivos que marcam a distância e a diferença em relação àquilo que é civilização. A sonoridade da mata e dos rios, a vida e seus zumbidos, manifestam uma espécie de "estado de natureza" que surge em seu texto por via de um apreço poético pela "vida selvagem" (ainda que o destino dessa devesse ser busca por um "estado de civilização"). Soma-se a isso a inspiração naturalista, de registrar objetivamente o meio ambiente daquela época.

Nessa espécie de "manual turístico para os viajantes", misturado com propaganda comercial

das terras brasileiras e registro vitoriano da época do Império brasileiro, poderíamos buscar a escuta das vozes da natureza, algo que talvez nos oferecesse uma espécie de paradoro e alívio, dentro do ano de 2021. Em um ano que em que as viagens não são recomendadas pelas medidas sanitárias, em que não é seguro viajar pelo Brasil, poderíamos ler o livro de Burton para nos afastar da civilização ou mesmo nos entreter com suas descrições de uma descida de embarcação pelo rio São Francisco no século XIX. Com essa viagem literária, poderíamos enfim encontrar na natureza um último refúgio para nosso desespero, em uma espécie de escapismo literário e terapêutico.

É então que chegamos nas descrições da cidade de Mariana, e do rio que Richard Burton chama de "baby Brumado". É todo um conjunto de memórias que encontramos, anterior a essa que foi uma das maiores tragédias ambientais causadas pela mineração em território brasileiro, e que o fim de 2021 não foi sequer "juridicamente resolvida" (FREITAS, 2021). Nos rastros de Brumadinho, encontrados na obra de Burton – como no capítulo "At Marianna" [Em Marianal] (BURTON, 1941), há todo um testemunho do habitat, fragmentos de memória de uma cidade hoje devastada justamente por "desejo civilizatório" de industrialização, tal como o do explorador inglês.

Com isso, entramos novamente em desespero, como não podia deixar de ser, nesse ano tão trágico de 2021. Para todos os lados que tentamos olhar, só encontramos tragédia e crise, retrocesso e destruição. E assim foi também nesse nosso experimento de réplica acadêmica, elaborado em um contexto tão difícil e angustiante, assolado por crises sanitárias, políticas, sociais e econômicas.

Referências

BRANDÃO, Francisco. Orçamento 2021 é sancionado; Educação, Economia e Defesa têm maiores cortes. In: *Agência Câmara de Notícias*. Brasília, 23 abr. 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/749955-orcamento-2021-e-sancionado-educacao-e-economia-e-defesa-tem-maiores-cortes>. Acesso em: 5 jan. 2022.

BURTON, Richard Francis. *Explorations of the highlands of Brazil*. With a full account of the gold and diamond mines. And canoeing down 1500 miles of the great river São Francisco, from Sabará to the sea. London: Tinsley Brothers, 1869. 2 v.

BURTON, Richard Francis. *Viagens aos planaltos do Brasil: Do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Tradução de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. v. 1.

BURTON, Richard Francis. *Viagens aos planaltos do Brasil: Minas e os mineiros*. Tradução de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983a. v. 2.

BURTON, Richard Francis. *Viagens aos planaltos do Brasil: O rio São Francisco*. Tradução de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983b. v. 3.

CRAVO, Télió Anísio; GODOY, Marcelo Magalhães. Por estradas e caminhos no interior do Brasil oitocentista: viajantes e o desenvolvimento da infraestrutura de transportes de Minas Gerais. In: SEMINÁRIO SOBRE ECONOMIA MINEIRA, 14., 2010, Diamantina. *Anais* [...]. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 2010. p. 1-27. Disponível em: <https://diamantina.cedeplar.ufmg.br/portal/download/diamantina-2010/D10A020.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2021.

GEBARA, Alexsander Lemos de Almeida. A experiência do contato: as descrições populacionais de Richard Francis Burton. 2001. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

GEBARA, Alexsander Lemos de Almeida. As representações populacionais de Richard Francis Burton – uma análise do processo de constituição do discurso sobre populações não europeias no século XIX. *Revista de História*, São Paulo, n. 149, v. 2, p. 181-209, 2003.

GONÇALVES, Andréa Lisly. "Escravidão, herança ibérica e africana e as técnicas de mineração em Minas Gerais no século XVIII". In: SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 11., 2004, Diamantina. *Anais* [...]. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 2004. p. 1 -23. Disponível em: <http://www.cedeplar.ufmg.br/diamantina2004/textos/D04A031.PDF>. Acesso em: 27 dez. 2021.

FREITAS, Raquel. Brumadinho: maior operação de buscas do país completa mil dias sem data para fim e sem responsabilização de culpados. In: *G1*. Belo Horizonte, 21 out. 2021. Notícias. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/10/21/brumadinho-maior-operacao-de-buscas-do-pais-completa-mil-dias-sem-data-para-fim-e-sem-responsabilizacao-de-culpados.ghtml>. Acesso em: 5 jan. 2022.

LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo civil*: ensaio sobre a origem, os limites e os fins verdadeiros do governo civil. Tradução de Magda Lopes e Marisa Lobo da Costa. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

LOSADA, Janaina Zito; DRUMMOND, José Augusto. Espírito cheio de bichos. A fauna nas viagens de Louis Agassiz e Richard Francis Burton pelo Brasil oitocentista. *Varia Historia*, Belo Horizonte, jan./abr., v. 31, n. 55, p. 253-284, 2015.

PRAZERES, Leandro. Ministro do Meio Ambiente recebeu garimpeiros ilegais em conversa fora da agenda e sem registros. *Revista Época*, Rio de Janeiro, 3 set. [2020]. Brasil (seção). Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/ministro-do-meio-ambiente-recebeu-garimpeiros-ilegais-em-conversa-fora-da-agenda-sem-registros-24621378>. Acesso em: 5 jan. 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p.117-142.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

SOUZA, Jessé. *A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite*. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

TAVARES, João Vitor. Defensores do garimpo pedem ajuda ao governo. *Correio Braziliense*, Brasília, 2 dez. [2021]. Amazônia (seção). Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/12/4967538-defensores-do-garimpo-pedem-ajuda-ao-governo.html>. Acesso em: 5 jan. 2022.

Jonas Kunzler Moreira Dornelles

Mestre pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil, na linha de pesquisa de Teoria, Crítica e Comparatismo; e mestre pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil, na linha de pesquisa Literatura, História e Memória). Doutorando em Teoria da Literatura na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CNPq/PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil; com doutorado sanduiche (bolsa CAPES/Print) na Universidade Goethe de Frankfurt am Main, Alemanha.

Endereço para correspondência

Jonas Kunzler Moreira Dornelles

Avenida Ipiranga, 6681

Prédio 8, 4º andar, sala 403

Partenon, 90619-900

Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.